

CUMPLI-CIDADES

guardiã e caminhantes

relato de caminhadas físicas num encontro virtual

26 de Junho de 2020

Sexta-feira de calor e céu azul em Lisboa e de
céu nublado e chuviscos em Indaiatuba/São Paulo

O encontro cúmplice



Através do grupo **Guardiã Cumpli-Cidades**, no *Whatsapp*, às 14:00 do Brasil a guardiã faz uma ligação e é atendida, em simultâneo, pelas caminhantes às 18:00 de Portugal.

Surpresa triplicada: três brasileiras conectadas.

A guardiã descobre que a paisagem-ponto de encontro é o Miradouro de Santa Catarina, em Lisboa.
Adamastor, quantas saudades de ti e de mirar o que miras!

Foto 1: Captura de tela de Whatsapp, por Thaís Gonçalves (abaixo). Acima Michele Luceac (à esquerda) e Renata Araújo (à direita).

Foto 2: Miradouro de Santa Catarina por Michele Luceac.

Caminhantes

Michele Luceac

Renata Araújo

Guardiã

Thaís Gonçalves

As impressões compartilhadas

Entre sorrisos, as câmeras dos telemóveis giram em variadas direções, as caminhantes querem mostrar a paisagem de encontro do percurso, localizar a guardiã no contexto das cumpli-cidades. Uma sensação de atravessar a tela para se instalar no Miradouro de Santa Catarina percorre o corpo-sentado da guardiã. Quase é possível sentir a brisa e o sol na pele. O azul mergulha pelos olhos e sou toda contentamento. Dizia Fernando Pessoa, através de Alberto Caeiro:

*E os meus pensamentos são todos sensações.
Penso com os olhos e com os ouvidos
E com as mãos e os pés
E com o nariz e a boca.*

Num miradouro mirado tantas e tantas vezes por tantos, a atmosfera é de alegria e de um tempo que se abre para pequenas histórias emergirem. Afinal, pequenas histórias não são histórias pequenas!

1. Temperatura na pele

Uma caminhante a subir diz que...

Estava quentinho no caminho, mas sei que vai começar a refrescar, por isso trouxe um casaquinho. Vim subindo e gostei de subir. Sensação de um corpo instalado em uma temperatura agradável e de um psicológico infantil.

Renata explorou uma “Lisboa de pequena escala” ao subir do Cais do Sodré ao Miradouro de Santa Catarina: Lisboa das **escadinhas e ladeiras**. Por entre ruelas, escolhidas por não estarem na mira turística, a caminhante diz que a paisagem lembrou a de uma vila perdida no tempo de sua infância. Encontrou duas meninas a brincar de casinhas de bonecas.



Percurso do Cais do Sodré ao Miradouro de Santa Catarina, por Renata Araújo

Outra caminhante a descer suavemente diz...

Foi um trajeto curto e cheio de detalhes, de cheiros com sabor de tostas. Um trajeto plano, com temperatura agradável e vento que traz sensação de umidade. Gosto de calor. Vivi em São Paulo e cresci em ambientes com ar-condicionado. Há três anos resolvi mudar de vida. Há dois anos estou em Lisboa e tenho prazer em andar à pé. Sinto vento na pele e cabelos e a umidade que vem do rio (Tejo).

Michele saiu do Jardim do Príncipe Real em direção ao Miradouro de Santa Catarina por caminhos mais longos do que os indicados pelo GPS, preferindo *ruelas e escadas*. Entrou por ruas do Bairro Alto, se perdeu por ruas sem saída, chegando a entrar num quartel general, sem perceber que não era um caminho de passagem para um cidadão comum.

2. Pele do percurso

Lisboa é pétrea, como uma pele de elefante: áspera com craqueleto – embora nunca tenha tocado um elefante! Tem pedra e tem madeira, como nos bancos que sentei. São bancos convidativos.

Pele madura, como a imagem de uma avó: rugas, texturas e uma pele que conta história, porque viveu muita coisa. Uma pele com cheiro característico. Ruas de pedra, paredes de azulejos: é liso e rugoso, tem algo espiritual, tem gente ali.

Vou tentando entrar pelas rugas para encontrar as belezas e histórias.



Percurso do Jardim do Príncipe Real ao Miradouro de Santa Catarina, por Michele Luceac

3. Ritmos, pulsações, sonoridade, música

*Você não sabe o quanto eu caminhei
Pra chegar até aqui
Percorri milhas e milhas...
A estrada, Cidade Negra (banda brasileira)*

Uma música na cabeça e um ritmo marcado no corpo.
Um compasso em 8 por 8 tempos.

Lisboa inspira um ritmo, um compasso quadrado. Não sei se pela arquitetura e pelas janelas, pelo chão de paralelepípedos, pelas grades e escadas. O ar, o céu, são pausa na arquitetura.

||||||| _____ ||||||| _____ ...

Há um ritmo marcado com muitos detalhes. Até as pombas andam num ritmo próprio e cadenciado. É um ritmo clássico. O ritmo interno respeita o mesmo ritmo, inclusive das pausas no percurso para acompanhar a arquitetura que se repete – janelas ao lado de janelas, grades em fileira, conjuntos de escadas, um intervalo para mirar o céu e assim por diante.

Num café no Cais do Sodré havia uma música estridente invadindo o espaço e que não batia certo com as pessoas que estavam lá. Afastei o registro musical e ouvi as vozes das pessoas. Na Praça São Paulo não havia música, mas um velho a falar sozinho. Também havia outras vozes. Juntos formavam um coral surrealista. Mais adiante, sentei num banquinho perto de um café mercearia com esplanada e gente a falar, havia uma barulheira de vozes. Eu não via as pessoas, mas as ouvia. “Esta gente não sabe se comportar”, diziam dois indignados. Música de vozes, de gente na rua. Música urbana.

É uma analogia bonita essa de arquitetura e música – diz ao referir-se a sonoridade descrita pela outra caminhante e continua:

É possível reconhecer! No Cais do Sodré há uma outra escala de prédios, mais protegidos do tráfego. Subi pelas ruas mais antigas, subindo a colina devagar numa dança e ritmo menos formatado e mais balanceado.

4. Paleta de cores

Lisboa tem tons de **amarelo**, **rosa** e **verde**, com nuances do mais intenso para o menos intenso.

Cenário, som e movimento: tudo combina!

*São tons pastéis, com tons que ficam mais intensos com o **verde** das árvores e o **azul** do céu. Há também o **branco** das paredes caiadas e da névoa que recobre Lisboa. Em 1994, Lisboa foi capital europeia da cultura. Na altura, houve uma série de pinturas com tons mais fortes e as pessoas reagiram, pois não reconheciam essas tonalidades fortes como representativas da cidade. A Câmara de Lisboa respondeu: “– Isso vai desbotar!”. E desbotou!*



Tonalidades de Lisboa. Amarelo, rosa, verde, branco e azul. Fotos 1, 2 e 3 por Michele Luceac e foto 3 por Thaís Gonçalves (Imagem das câmeras das caminhantes, no Whatsapp)

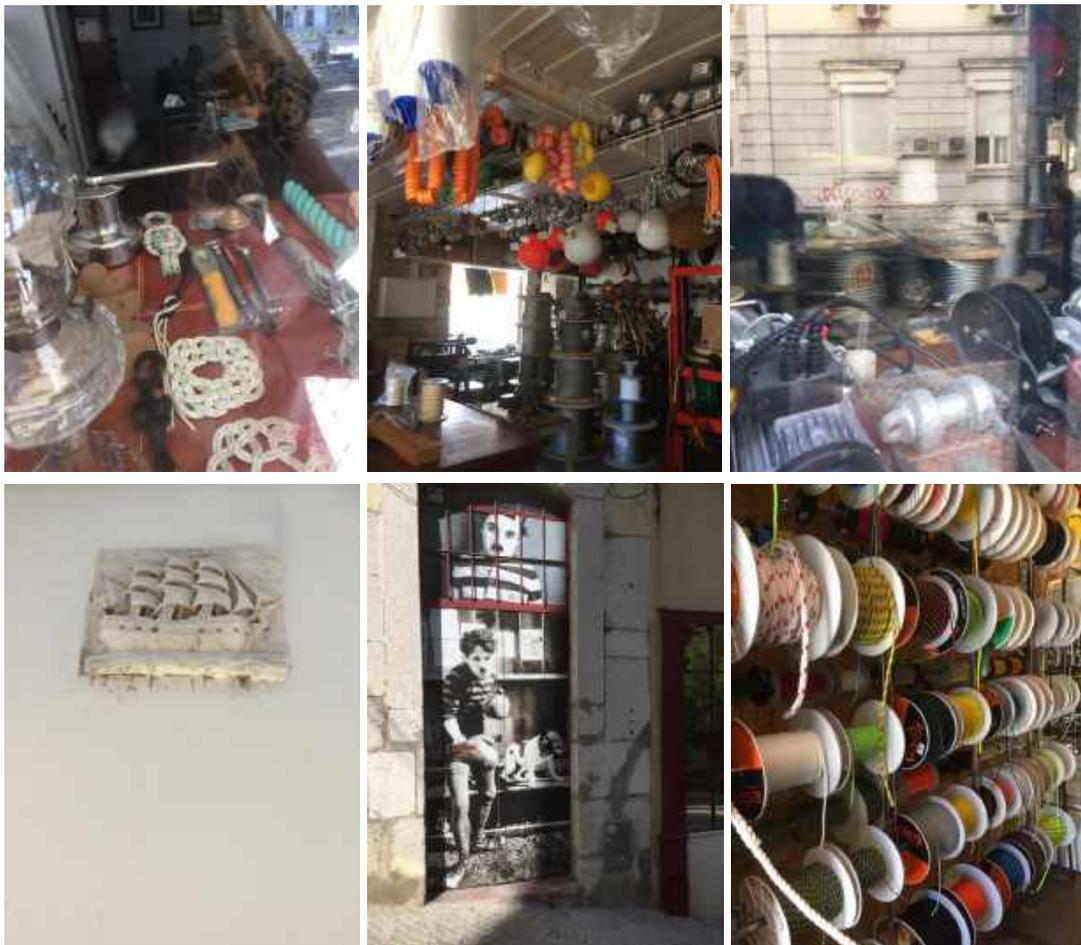
5. Ei, psiu! Presta atenção!

“Quantas vezes o sol já bateu aqui?”, me perguntei nostalgicamente pelo caminho. O posicionamento da luz do sol nas paredes era o que prendia o olhar. O efeito das sombras particularmente me chamaram a atenção: havia uma imagem dentro de outra imagem. E assim sucessivamente. E árvores no meio das escadas, dando ainda mais ritmo à cidade.

Gosto de quem fala sozinho. Não percebi nada, mas fui solidária com aquela pessoa junto ao obelisco da Praça São Paulo. Afinal, gosto de andar e falar. Certa vez alguém me gritou “ – Ficou maluca?!”. Fiquei ofendida e magoada, como que pega de surpresa. Que mal há nisso? E assim, vou prestando atenção mais às pessoas que à arquitetura.

Algo mais...?

O tempo... dimensões do isolamento trazem outra temporalidade. Eu não conseguia desenhar no modo isolamento. Não se faz desenho quando não se faz nada. A oportunidade de conversar sobre a caminhada me faz pensar sobre isso.



Derivas entre Cais do Sodré e Miradouro de Santa Caratina, por Renata Araújo



Derivas do Jardim do Príncipe Real ao Miradouro de Santa Catarina, por Michele Luceac

A paisagem fresca

Passa uma brisa, o corpo começa a esfriar, hora de ir! Mas... onde estão...?

As descobertas de cumplicidades



Coração de papel com a inscrição à caneta “LENTO”. Uma pedra branca solitária em formato quase quadrado, ao estilo pedra-portuguesa. Serão essas as pistas cúmplices deixadas pelos dois outros caminhantes do Cumpli-Cidades que partiram do Miradouro da Catarina?

As cumpli-cidades deixadas pelo caminho



Fita cor de rosa em um banco: laço ao redor da árvore “espalhada” (tombada)

Nó de corda